

EVARISTO, Conceição. *Macabéa, flor de mulungu*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

Rodrigo Felipe Veloso¹

Esta resenha de *Macabéa, Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo busca discutir sobre a personagem Macabéa, circunscrita anteriormente por Clarice Lispector no romance *A hora da estrela* e que, a partir de então, Evaristo toma para si a nova face dessa protagonista icônica e representativa da mulher oprimida pela sociedade. Nesse sentido, pretende-se abordar temas como o silenciamento da mulher em âmbito social, a morte como metamorfose da vida e o pensar na literatura como texto simbólico, rizomático e ritualístico.

Em *Macabéa, Flor de Mulungu*, percebe-se um narrador que tem uma aliança próxima com a personagem, elo este, que remonta força, resiliência e sobrevivência. O conto se inicia quando Macabéa é atropelada, cena final e marcante do romance clariceano e, sobretudo, retrata a metáfora da flor de mulungu que dá título ao texto e se mostra antes do florescer murcha, seca, sem vida, entretanto, contém em si essência necessária para sua germinação. Ressalta-se, pois, as imagens de Luciana Nabuco que ajudam a ilustrar a obra de Evaristo, destacando a beleza da capa e as figuras internas compostas enquanto alegorias da resistência, isto é, imagens de máscaras, rostos e corpos de mulheres negras, imagens de figuras geométricas, de afro-indígenas e, por fim, da flor de mulungu com suas cores preto, verde e vermelho com seus frutos e flores que representam simbolicamente a “Béa” criada pela escritora e que resgata a identidade de muitas mulheres que se encontram mesmo em vida, adormecidas.

¹ Docente na Universidade Estadual de Montes Claros. Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com pós-doutoramento em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. Graduado em Letras (Português) pela Universidade Estadual de Montes Claros. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

Macabéa, Flor de Mulungu: releitura d'A Hora da Estrela

Não, a morte, distendida e arrebatada linha, afrouxaria o tenso movimento, e deixaria Macabéa, Flor de Mulungu, se enroscar em si mesma, para se desabrochar, ela própria, no movimento nascituro (Evaristo, 2023, p. 32).

Conceição Evaristo, atualmente, foi recém-empossada na Academia Mineira de Letras, especialmente por sua produção artística e intelectual, é autora de romances, contos, ensaios, poemas, novelas. Evaristo nasceu em Belo Horizonte e é considerada uma das mais renomadas escritoras brasileiras de Literatura Contemporânea.

Luciana Nabuco, é a ilustradora deste livro, nasceu no Acre. É jornalista, artista visual, professora, tradutora e também escritora, especialmente de contos e poemas. Ela trabalha com a temática afro-indígena brasileira, desde 2003.

O conto “Macabéa, Flor de Mulungu”, inicialmente teve sua publicação advinda de um projeto da série “Personagens reescritos”, de 2012, uma vez que a proposta de releitura, ou renascimento definida pelos organizadores deveria acontecer mediante criação narrativa e literária das personagens de Clarice Lispector. Em 2023, a mesma editora, Oficina Raquel, publica o conto que se refere a uma nova leitura do romance *A hora da estrela* e, a partir de então, foi ilustrado por Luciana Nabuco numa edição somente contendo o texto de Conceição Evaristo.

Realismo e ficção: morte, margem e vida em *Macabéa, Flor de Mulungu*

Em *Macabéa, Flor de Mulungu*, Conceição Evaristo recria uma Macabéa que pode ser percebida claramente pelos olhos do outro. Isso porque ao iniciar o conto, a autora começa pelo fim do fato trágico ocorrido no romance clariceano, ou seja, o momento da morte de Macabéa ao ser atropelada pelo carro Mercedes Benz. No entanto, o narrador do conto em questão, qualifica Macabéa senda a própria Flor de Mulungu: “Só mais tarde a minha suspeição ficou confirmada. Sim, Macabéa, Flor de Mulungu” (Evaristo, 2023, p. 10).

Vale mencionar que a flor de mulungu se mostra antes do florescer murcha, seca, sem vida, entretanto, contém em si essência necessária para sua germinação e vivacidade.

Foi preciso tempo. [...] nunca tive a vida inteira a me esperar e a dela parecia estar quase-quase se esvaindo. Eu vi a moça, a outra. Uma Macabéa outra. E essa outra, vi em seu estado de breve floração (Evaristo, 2023, p. 10).

Esse estado de brevidade de Macabéa a qual aponta a narradora acaba por se tornar eterna quando equiparada à flor de mulungu e aos discursos reverberados nas vozes de outras mulheres. As percepções dos outros com relação à personagem-protagonista revestem de sentimentos improdutivos que a condenam sendo a figura do mal. No entanto, existiam pessoas que a viam com efeito contrário, isto é, com sua interioridade nula e incurável. “Vazio próprio de um mal antecedente original. [...] Macabéa, nem sei que não. Creio que a sofrida invenção que criavam para Macabéa doía mais no criador e talvez, bem menos, na criatura” (Evaristo, 2023, p. 10).

A narradora se compadece e, ao mesmo tempo, se mostra incorruptível pela visão que tem diante de Macabéa, “eu também me espinhava todinha com as dores imaginadas por mim para Macabéa. Dores que ela mesma, segundo falavam, nem sabia ao certo como, e se doía ficavam nela” (Evaristo, 2023. p. 10).

As imagens de Luciana Nabuco em consonância ao conto em estudo ajudam a narrar numa linguagem não verbal à história de *Macabéa, Flor de Mulungu*. Na foto em que aparece uma mulher africana, negra, revestida de um olhar triste e solitário, destaca os tons mais escuros da imagem e reflete essa posição melancólica, a cor vermelha e preta constroem na composição da imagem, bem como a cor laranja representando a flor de mulungu que, por sua vez, é percebida na segunda foto e se traduz numa alegria em meio à tristeza presente na vida dessa mulher personificada e que podemos imaginar sendo a própria Macabéa imersa numa condição de vida a ser crucificada pelo olhar e avaliação de outrens.



Fig 1. Fotos de Luciana Nabuco – Evaristo, Conceição. Macabéa, Flor de Mulungu, 2023. Fonte: Evaristo (2023, ilustração não paginada).

O estabelecimento da fusão entre narradora e Macabéa torna-se latente e definida “[...] eu não preciso de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é a minha parecença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus” (Evaristo, 2023, p. 13, grifo próprio). Sendo assim, a narradora ao citar Gustave Flaubert, de maneira intertextual, traz à tona um exemplo de personagem contida no romance realista de *Madame Bovary*, cujo acusamento contra ele se deve a ofensa da moral e da religião naquele período do século XIX, especialmente pelo tratamento austero dado à questão do adultério e pela crítica ao clero e à burguesia e, sobretudo, para reverter e ser absolvido dessa acusação, ele precisou se declarar dizendo que era, de fato, a Emma Bovary.

No romance *A Hora da Estrela*, Macabéa é uma jovem alagoana de 19 anos, raquítica, feia, morrinhenta e órfã. Os pais morreram quando ela estava com dois anos. Foi criada pela tia beata, que a maltratava e com quem se mudou para o Rio de Janeiro. Depois da morte da tia, passa a dividir uma vaga de quarto com outras moças balconistas, que mal conhece. Com um curso rápido de datilografia, emprega-se num pequeno escritório. O narrador-personagem Rodrigo S. M. revela como conheceu Macabéa e como a vê nesse ambiente que não foi feito para ela: “[...] numa rua do Rio de Janeiro, peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu menino me criei no Nordeste” (Lispector, 1981, p. 16). E continua a nos contar dessa aproximação:

Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário (Lispector, 1981, p. 20).

Em *Macabéa, Flor de Mulungu*, Evaristo traz um novo perfil de Macabéa, ou seja, a mácula de mulher oprimida pelo sistema patriarcal segue consigo, mas a sua inscrição e atuação social se mostra mais aguerrida e representativa: “Ela ia nascer por ela e com ela. Macabéa ia se parir. Flor de Mulungu tinha a potência da vida. Força motriz de um povo que resilientemente vai emoldurando o seu grito. Mulheres como Macabéa não morrem” (Evaristo, 2023, p. 32).

Benedito Nunes (1995) declara que o romance *A Hora da Estrela* possui três histórias que se conjugam, num regime de transação constante, isto é, a primeira história conta a vida de uma moça nordestina que o narrador, Rodrigo S. M., surpreendeu no meio da multidão. A segunda história é a desse narrador interposto, Rodrigo S. M., que reflete a sua vida na personagem, acabando por tornar-se dela inseparável, dentro da situação tensa e dramática que participam. Mas essa situação, que os envolve, ligando o narrador à sua criatura, como resultante do enredamento pela narrativa em curso, das oscilações do ato de narrar, hesitante, digressivo, a preparar a sua matéria, a retardar o momento inevitável da fabulação, constitui uma terceira história — a história da própria narrativa. Poderíamos também, falar de outra história que permeia desde o início a narrativa, a qual Rodrigo S. M. nomeia como sendo “a morte que é nessa história o meu personagem predileto” (Lispector, 1981, p. 101).

Evaristo constrói muitas narrativas diluídas numa só, pois o rio chamado Macabéa possui várias nascentes e afluentes, bem como ao trilhar suas corredeiras deságua no mar que é imenso e largo assim como sua vida interior. A morte, portanto, sendo anunciada como uma personagem no conto resplandece sempre em seu lado oposto, a vida é enfatizada, porque a voz de uma mulher ecoa e faz viver nas demais: “Macabéa não ia morrer. Uma trindade feminina potencializa a existência dela” (Evaristo, 2023, p. 32).

A multiplicidade presente em *Macabéa, Flor de Mulungu* se acentua naquilo que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) descrevem sobre o rizoma, isto é,

[...] um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. [...] Há

ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (Deleuze; Guattari, 1995, p. 6).

Estas linhas na vida de Macabéa se aliam uma às outras. Nesse sentido, surge uma ruptura, impregna-se uma linha de fuga, porém tem-se a sensação de perigo de se reconhecer novamente nela organizações que reestratificam o grupo, unificações que reengendram o poder a um significante, imputações que ressignificam um indivíduo. Logo, o bom e o mal são, pois o produto de uma seleção natural e efêmera a ser iniciada e Macabéa experimenta e vive esse jogo segmentário e territorializado reconhecendo que, a partir de então, é impossível de exterminá-la, pois as várias Macabéas formam um rizoma do qual a maior parte delas pode ser destruída, porém a reconstrução se mostra latente e forte.

Considerações finais

Macabéa tem um novo lugar de moradia na ficção da literatura contemporânea brasileira, pois ela reside pelas forças das circunstâncias, nem sempre pertinentes a ela, todavia compreende que seu outro eu, a Flor de Mulungu nascia das mulheres e ansiava por uma vida em plenitude a ser experimentada.

Portanto, a protagonista está em busca de viver o novo, ela se localiza em todo o lugar, pois seu discurso uno espraia-se rumo à coletividade introjetado na condição feminina. Isso porque para as pessoas que desejavam e ansiavam pela morte dela, conforme anunciado em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, nesse aspecto, Evaristo, atropela e desmitifica tal estigma e revela a vida em explosão e ascensão pela protagonista que se fosse necessário enganaria até o coveiro para fugir da morte e que, de fato, mais uma vez, a cartomante se enganou com sua vidência. “Macabéa não pode morrer. Já morremos muito. Mas vivemos, apesar de. Junto à Macabéa ouço e recupero peças de nossas histórias. Eu sei bem quem é a Flor de Mulungu” (Evaristo, 2023, p. 29).

A fusão entre a narradora e Macabéa, portanto, representa a amálgama que une o eu com o tu, o criador e a coisa criada, o interno com o externo, a vida a morte e tome nota, sobretudo, àquele que entende somente que a vida segue um único fluxo, um único caminho, pois assim como a árvore com seu tronco e galhos sustentados por flores desafia o tempo e se

torna vivo e florido, Macabéa é exemplo dessa árvore que, ao florescer possui tonalidade diferente e sua voz se situa num tempo e momentos específicos que corporificam novos discursos de outras mulheres: “Ao redor do mulungu, todas as outras árvores, em tempos antes da primavera, estão ainda sem os seus adornos. Só a árvore mulungu, nessa precária ocasião, oferece o mel de suas flores às famintas aves, que pousam sobre ela” (Evaristo, 2023. p. 35).

Referências

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Neto e Célia Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

EVARISTO, C. *Macabéa, flor de mulungu*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

NUNES, B. *O drama da linguagem*. Uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Àtica, 1995.

Recebido em: 18 de setembro de 2024.

Aceito em: 4 de dezembro de 2024.